

### A elegia 1.3 de Tibulo: tradição e inovação em Tibulo

Ana Lúcia Silveira Cerqueira  
UFF

O poeta parte com a expedição de Messala para a Cilícia, mas adoece, com perigo de morte ficando na Feácia, hoje Corfu, sozinho. Esse é o prólogo da elegia I.3, que pode ser dividida em seis movimentos.

O primeiro movimento (v. 1-22), poderia ter como título: *A viagem de mau augúrio*. O poeta inicia a elegia invocando Messala para que não se esqueça dele, retido pela enfermidade e impossibilitado de seguir o general pelas águas do mar Egeu. Como o herói grego Ulisses, retido por uma tempestade em um país estrangeiro e ameaçado de não chegar a sua Ítaca<sup>1</sup>, está o poeta também isolado de seu amor e do seu campo. O motivo do *propemptikon* (canto de saudação para quem parte), visível nos versos 1-2, é encontrado em outros poetas da época de Augusto (Hor., *Epod I*; Prop. I.8). No isolamento da ilha, o poeta suplica à Morte para que se afaste dele. O poeta lastima não ter nestas longínquas plagas as homenagens póstumas nem da mãe, nem da irmã, nem de Délia, que tanto se preocupara com a partida do poeta. Tibulo deixara na pátria uma fiel e preocupada Délia, como Ulisses deixara Penélope<sup>2</sup>. Délia retribuiu o amor do poeta, e prova de tal retribuição foram as inúmeras consultas feitas às sortes para saber se o amado voltaria ou não:

Ibitis Aegae sine me, Messala, per undas  
o utinam memores ipse cohorsque mei !

<sup>1</sup> Cf. Homero. *Odisséia*. (1955, p.183.) Cf também a tradução de Jaime Bruna (*Odisséia*, p. 79). “(...) Sou um forasteiro que, após muitas provações, chegou aqui, dum outro país longínquo; por isso não conheço nenhum dos homens que habitam esta cidade e esta terra” (fala de Ulisses à Atena metamorfoseada em adolescente).

<sup>2</sup> Como assinala Paolo Fedeli (1980, p.407), tanto Propércio (I, 17, v. 11-12; 19-24), como Tibulo, tratam da questão da morte longe da pátria, como Ulisses na *Od.5,299-312*. Os poetas latinos descrevem a morte que teriam tido em Roma, se morressem na sua pátria, e o comportamento das pessoas queridas. (Cíntia em Propércio; a mãe, a irmã e Délia em Tibulo.), retomando esta questão expressa pelo Ulisses homérico, que se lamenta de não ter morrido em Tróia e recebido a sepultura pela mão dos companheiros.

Me tenet ignotis aegrum Phaeacia terris.  
 Abstineas auidas, Mors, modo, nigra, manus;  
 abstineas, Mors atra, precor: Non hic mihi mater  
 quae legat in maestros ossa perusta sinus,  
 non soror, Assyrios cineri quae dedat odores  
 et fleat effusis ante sepulcra comis.  
 Delia non usquam, quae, me cum mitteret urbe,  
 dicitur ante omnes consuluisse deos;  
 (v. 1-10)

(“Ireis sem mim, ó Messala, pelas águas egéias”)  
 ah, oxalá tu e teu séquito vos lembreis de mim!  
 Retém-me doente a Feácia de terras desconhecidas.  
 Apenas afastes, ó negra Morte, tuas cobiçosas mãos;  
 Afaste-as, sombria Morte, eu suplico: não está aqui minha mãe  
 para recolher nas tristes pregas da toga meus ossos incinerados,  
 nem minha irmã, para ofertar perfumes às cinzas  
 e chorar diante do túmulo com seus cabelos soltos,  
 em parte alguma está Délia, que, quando me deixou partir  
 da cidade, conta-se, consultou antes os deuses todos;”)

A *domina* quer ter certeza da não perda do seu apaixonado que se encontra *in uinculis*. A consulta às *sacras sortes* (tabuinhas com respostas generalizadas e aleatórias para atender a perguntas formuladas) aparecem também mencionadas em Propércio, pois Cíntia, como Délia, usará desta prática: II.32, 3: *Nam quid petis Praenesti dubias o Cynthia, sortis ,...?* (“Por que procuras, ó Cíntia, as incertas sortes de Preneste?”).

O medo da partida é narrado pelo poeta através da busca de bons presságios, leitura de vôo das aves, e outras superstições.

Doente, ele compreende que não deveria ter empreendido uma viagem contra a vontade de *Amor*. A referência à mãe, à irmã e à Délia (v. 5-10) é uma das poucas indicações da família do poeta. Ovídio (*Am.* III.9, 51 e segs.) ao escrever sobre os funerais de Tibulo, retoma estes versos.<sup>3</sup> Todo esse início da elegia objetiva mostrar o poder do deus *Amor*, que fornecera *omina dira* v.17(“auspícios funestos”) ao poeta; como mensagens de sua proibição (*prohibente deo*, v. 22) à sua saída da cidade (*emittere urbe*, v. 9), também mal aceita por Délia.

3 Cf. a tradução de Antonio Feliciano de Castilho (Edições Cultura, S.P., 1945, p.399), a propósito desta alusão: “Aqui, ao menos tiveste/Mãe que teus olhos gelados/Cerrasse quando morreste./ E dos maternos cuidados/Os últimos dons houviste/Tua irmã, piedosa e terna/Parte igual na dor tomou:/E sobre a pira fraterna/Onde as tranças arrancou/Te deu despedida eterna”.

A devoção de Délia a Ísis é a temática básica do segundo movimento da elegia (v.23-24). Ironicamente, o poeta questiona o poder da deusa Ísis, venerada por Délia. Ele mesmo preferirá cultuar os Penates de seus pais e o antigo deus Lar. É inegável a influência egípcia em Tibulo. Nesta elegia vemos Délia como devota da deusa Ísis. O nome Délia tem como uma das explicações etimológicas para sua significação: “a que provém da ilha de Delos”. Ísis era venerada nessa ilha e seu filho Horus era identificado com Apolo. Há, portanto, uma certa coerência neste retrato tibuliano de Délia ao venerar Ísis. O culto de Ísis em Roma data do início do séc. I a.C. Devido a sua proibição pelo senado, são as mulheres suas maiores adeptas, sobretudo a das classes subalternas.<sup>4</sup> Assim, provavelmente Délia era uma mulher de *secunda classis*, uma liberta. O poeta nos mostra Délia participando das cerimônias à deusa, sublinhando sua atuação nos ritos de purificação: Délia carrega os sistros na mão, agitando-os; guarda a pureza tanto na limpeza do corpo, quanto na abstinência sexual; faz suas preces, vestida de linho, e louva a deusa duas vezes por dia, trazendo os cabelos soltos.

Como assinala Catherine Salles (1982:257-58) o culto à Ísis é o favorito das prostitutas:

As cercanias do templo de Ísis atraem também os que buscam as moças bonitas, pois eles sabem que elas marcam encontros no santuário situado perto do Campo de Marte. A divindade egípcia, com efeito, desde o fim da República, substituiu a Vênus Ericina na devoção das cortesãs. Deusa sofredora e piedosa, ela é objeto de um culto intenso; e, paradoxalmente, a exigência da pureza, as penitências impostas aos devotos, os períodos de castidade obrigatória, fazem dela a religião favorita das prostitutas. E essas mulheres, cuja vida não é senão uma sórdida baixeza, encontram conforto na promessa de felicidade no além, contida na religião isíaca. As más línguas de Roma batizaram Ísis de alcoviteira.

A afirmativa do texto: “Mas a mim me seja possível cultuar os Penates de meus pais/ Oferecer ao antigo Lar seus incensos de todo o mês” (v. 33, 34), abre espaço para a contraposição do culto do romano tradicionalista em relação ao culto de deuses estrangeiros, cujos adeptos pertenciam, em regra geral, às classes sociais inferiorizadas como os escravos e libertos. Assim o poeta cultuará os Penates de seus pais e o deus Lar. O culto dos Lares familiares pelo poeta é atestado em outros passos (I.1, 20; 10, 15-25; II.1, 60; 4, 54), com ofertas de coroas (I.10,22), flores (II.1, 59-60), e mel (I.10, 24).

---

<sup>4</sup> Cf. Hor. *Serm.* I.2, 47: *Tutior at quanto merx est in classe secunda, libertinarum dico.*

O terceiro movimento (v. 35-48) descreve a Idade de Ouro<sup>5</sup>: como os homens viviam bem no reino de Saturno, isto é, na Idade de Ouro, em que o solo era fértil, e não havia castigos, nem medos, nem exércitos, nem ódios, nem guerras.

Os romanos identificaram Saturno com Cronos, Deus da Idade de Ouro<sup>6</sup>, de acordo com a classificação hesiódica das cinco idades: *Idade de Ouro* (felicidade com *dike* “justiça”, v. 109-126), *Idade de Prata* (menos felicidade com *hybris* “desmedida”, v.127-142), *Idade de Bronze* (maiores desgraças com maior *hybris* “desmedida”, v.143-155), *Idade dos Heróis* (mais felicidade com mais *dike* “justiça”), *Idade de Ferro* (males e bens com injustiça; possibilidade de justiça; tendência ao reino total da *hybris* “desmedida”, v.174-201).

Segundo Hesíodo, os Imortais criaram uma dourada estirpe de homens mortais, quando Cronos reinava. Esses homens viviam como deuses, livres de preocupações, sem fadiga nem misérias. Não havia velhice e morriam estes homens como se tivessem adormecidos num sono profundo. A terra nesta Idade era sempre fértil e produzia espontaneamente formosos e abundantes frutos. Ricos de rebanhos, os homens desta Idade honravam os deuses do Olimpo.

Tibulo reduz as idades hesiódicas a duas: a de Ouro (v. 38-45), em que reina Saturno (*Saturno rege*), e as demais, em que reina Júpiter (*sub domino Ioue*). O mito da Idade de Ouro também é encontrado em Tibulo (I. 10, 7-10; II.1, 37-66). A presença de Saturno na poesia tibuliana está sempre vinculada a uma “realidade” mítica do campo, plena de paz e prosperidade. Esta força que alimenta o solo e os seres vivos simbolizada por Saturno, é também explicada pela ligação Gaia-Cronos, ou seja, Terra Mãe-Saturno.

Antes, num tempo primordial houve a Idade de Ouro, que o poeta caracteriza por *bene uiuebant*, sublinhando seu ódio pelas armas a partir de quem as fabrica, o *faber* (v. 47-48). Como afirma o poeta: Como se vivia bem no reinado de Saturno pois a terra não tinha ainda estradas, os barcos ainda não tinham singrado os mares, o navegador ainda

---

<sup>5</sup> O motivo é comum nos poetas da época de Augusto. Cf Virg., *Buc.* IV, 32 e segs; *Georg* I. 130 e segs; Hor., *Ep.* 16, 59 e segs; *Carm.* I.3, 21 e segs; Ovídio *Am.* III.8, 43-89; *Met.* I.94 e segs.

<sup>6</sup> A primitiva relação Cronos-Saturno com a Idade de Ouro persistirá por muito tempo, na literatura, com designações tais como: η κρόνον βασιλει (Platão, *Polit.* 276 A), o exemplo citado (*Saturno rege*) por Tibulo e *Saturnia regna* (Virg. *En.*, 4,6).

não procurava riquezas e as casas não tinham portas; não havia exércitos, nem ódios, nem guerras, nem armas.

A lembrança da guerra faz o poeta voltar-se para a dura realidade do presente: está em perigo de vida. A conexão guerra-realidade, marcada pela introdução do advérbio *nunc*, gera um novo movimento no texto poético, um novo tempo, uma nova Idade, onde o poeta descreve a idade de Júpiter feita de “carnificina e chagas sempre”, o agora do poeta, que só tem dois pedidos a fazer: que sendo possível seja ele poupado, ou se os Fados determinarem, que uma lápide lhe seja erguida com o seguinte epitáfio:

HIC IACET IMMITI CONSUMPTVS MORTE TIBVLLVS,  
MESSALAM TERRA DVM SEQVITVRQVE MARI.

(“AQUI JAZ TIBULO, CONSUMIDO POR MORTE CRUEL ENQUANTO SEGUIA MESSALA POR TERRA E POR MAR.”) (v.55-56).

O epitáfio é um dos τόποι mais característicos da elegia (*Prop.* II.13, 35-36, II.7, 85; *Ovid. Trist.* 3, 3, 73; *Am.* 2, 6, 61). Resta a resignação para o enfermo de que ao morrer, Vênus o conduzirá aos Campos Elíseos<sup>7</sup>, – o paraíso idealizado, já que ele “foi sempre dócil para o terno amor”. A descrição dos Campos Elíseos e do Tártaro ocupa o quinto movimento (v. 59-82). Os *pii uates* na concepção tibuliana encontram-se nos Campos Elíseos. Tal motivo reaparecerá em Virgílio (*En.*, v. 662). Em seguida, como contraposição, vem descrito o Tártaro, com as terríveis figuras da fúria Tisífone e de Cérbero, onde os já consagrados criminosos míticos reaparecem:

Illic Iunonem temptare Ixionis ausi  
uersantur celeri noxia membra rota;  
porrectusque nouem Týtyos per iugera terrae  
adsiduas atro uiscere pascit aues;  
Tantalus est illic, et circum stagna: sed acrem  
iam poturi deserit unda sitim;  
et Danaï proles, Veneris quod numina laesit,  
in caua Lethaeas dolia portat aquas.  
(v. 73-80)

(“Ali o corpo ímpio de Íxion, que ousou tocar em Juno,  
gira sobre uma rápida roda;  
e estendido sobre nove jeiras de Terra, Tício  
alimenta, com suas negras estranhas, aves sempre presentes;  
Tântalo está ali, e à sua volta um lago: porém, assim  
que está para beber, a água foge de sua sede ardente;  
e as filhas de Dânao, porque lesaram a divindade de Vênus,

---

<sup>7</sup> Cf. a descrição do ,Ηλύσιον πέδιον em Homero, *Odisséia*, IV, 563

levam as águas do Leto para os tonéis sem fundo.”)

Tibulo não segue, aqui, exatamente o modelo homérico onde as figuras míticas que habitam o Tártaro são: Orion, Tício, Tântalo, Sísifo e Hércules. Enquanto os amantes devem ocupar os Campos Elísios, os que não amaram e se dedicam às campanhas militares ou a outros assuntos deverão ter como moradia *post mortem*, o Tártaro (v. 67-82).

Finalmente estamos diante do sexto movimento (v. 83-94): o poeta imagina o seu retorno e o encontro com sua Délia idealizada, casta e com uma guardiã ao lado.<sup>8</sup> É com a imagem de Délia com seus longos cabelos desarranjados e os pés descalços a correr para o amado, que o poeta encerra esta elegia. Aliás, os v. 83-92, que tratam da descrição de Délia, oferecem um exemplo do que chamaremos de gênero retrato, motivo favorito da literatura clássica, presente também em Propércio como em I.3, 41.

A propósito do retrato idealizado de Délia nesta elegia, o estudo de Pierre Grimal (1960:273-301) sob o título de *Tibulle et Hésiode*, permite sua melhor compreensão. Segundo Grimal (p.285-86), é possível questionar Tibulo a partir da sua consciente procura na conciliação de duas exigências que estão nele mesmo: a moral *hesiódica* e a necessidade da mulher amada. E, embora este poeta tivesse sofrido grande influência hesiódica, conhecedor, portanto de suas idéias sobre o perigo das mulheres (*Trab.*, 373-74), idealizou uma Délia como *anti-meretrix*, guardiã de um lar, que tem como cenário o campo. Assim, a musa tibuliana nasce do desejo da conciliação do inconciliável: o hesiódico e o amoroso.

Como vimos na elaboração da elegia I.3, Tibulo usa de temas bem conhecidos dos poetas augustanos como o *propemptikon*, o poder do deus *Amor*, a devoção a Ísis, o culto aos Lares familiares, o epitáfio e a idealização amorosa, mas o tema do mito hesiódico das cinco raças e a concepção homérica do Tártaro sublinham uma retomada dos mesmos por Tibulo de forma nova e original.

---

<sup>8</sup> Embora possa ser uma *lena*, provavelmente esta velha é a mãe de Delia. Essa é a opinião de muitos críticos que se valem da comparação com a elegia I.6, 59-60. Outros estudiosos, porém, afirmam que ela não é necessariamente a mãe de Délia, mencionada na I.6, 57, mas a *lena* da I.5, 48.

## BIBLIOGRAFIA

- FEDELI, Paolo. *Sesto Propertio, Il primo libro delle elegie*. Firenze, Leo S. Olschki editore, 1980.
- GRIMAL, Pierre. Tibulo et Hésiode. *Entretiens sur l'antiquité classique*. Genève VII; 283 segs., 1960.
- HESIODO. *Teogonia*. Trad. por Ana Lúcia S. Cerqueira e Maria Therezinha A. Lyra. Niterói, EDUFF, 1996
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. de Jaime Bruna, SP, Cultrix, s/d.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. de Victor Bérard. Paris, Les Belles Lettres 1955
- HORACE, *Oeuvres*. Intr. e notas de Plessis e Lejay, Paris. Hachette, s/d.
- MAZON, Paul. *Théogonie. Les Travaux et les jours. Le Bouclier*. Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- PONCHONT, Max. *Tibule et les auteurs du Corpus Tibullianum*. Paris, Les Belles Lettres, 1989.
- PROPERZIO, *Elegie*. Trad. de Luca Canali. Milão, Rizzoli, 1987.
- SALLES, Catherine. *Nos Submundos da Antiguidade*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, Brasiliense, 1982.
- VIRGILE. *Énéide*. Trad. de André Belessort. Paris. Belles Lettres, 1956.